



BEM-ESTAR FINANCEIRO: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DA RENDA

FINANCIAL WELL-BEING: AN ANALYSIS FROM INCOME PERSPECTIVE

Luana Santos Fraga

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Administração da UFSM.
luana.fraga92@gmail.com

Kelmara Mendes Vieira

Doutora em Administração pela UFRGS.
Professora do Programa de Pós-Graduação em Administração da UFSM.
kelmara@terra.com.br

Paulo Sérgio Ceretta

Doutor em Engenharia de Produção pela UFSC.
Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração da UFSM.
ceretta10@gmail.com

Ana Luiza Paraboni

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Administração da UFSM.
anyparaboni@hotmail.com

Recebido em 23/08/2015
Aprovado em 20/06/2016
Disponibilizado 22/02/2017
Avaliado pelo sistema <i>double blind review</i>

BEM-ESTAR FINANCEIRO: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DA RENDA

OBJETIVO

O estudo tem como objetivo analisar se existe diferença no nível de bem-estar financeiro entre diferentes classes de renda.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem quantitativa e amostra de 582 indivíduos residentes em Santa Maria - RS. A análise de dados consistiu em técnicas estatísticas descritivas e multivariadas, com análise do perfil da amostra, desenvolvimento do índice de bem-estar financeiro, identificação das diferenças de média entre os grupos das variáveis de gerenciamento financeiro e *dummys* renda e análise de regressão.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Os principais resultados apontam que existem diferenças significativas no nível de bem-estar financeiro entre os indivíduos que possuem renda de R\$3.000,00 a R\$5.000,00 e os que recebem até R\$500,00, entre os que recebem entre R\$7.000,00 a R\$10.000,00 e os que possuem renda entre R\$500,00 e R\$1.000,00 e entre pessoas com rendimentos acima de R\$10.000,00 e as que possuem renda de até R\$3.000,00. Em ambos os casos os coeficientes foram positivos, indicando que as pessoas que ganham mais, possuem maior nível de BEF.

IMPLICAÇÕES PRÁTICAS

Ressalta-se que pesquisas sobre bem-estar financeiro são fundamentais para identificação de áreas críticas de gestão financeira no que tange a indivíduos e famílias, podendo assim ser desenvolvidas ações educativas no sentido de contribuir para um melhor bem-estar financeiro da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE

Bem-Estar Financeiro; Renda; Gerenciamento Financeiro.

FINANCIAL WELL-BEING: AN ANALYSIS FROM INCOME PERSPECTIVE

OBJECTIVE

The study aims to analyze whether there is no level difference Financial Well-being between different income classes.

METHODOLOGY

This is a descriptive study with a quantitative approach and sample of 582 individuals residents in Santa Maria - RS. The data analysis consisted of descriptive and multivariate statistics techniques, with sample profile analysis, development of financial well-being index, identification of differences between the groups of financial management variables and dummies income and regression analysis.

RESULTS AND CONCLUSIONS

The main results show that there are significant differences in the Financial Well-being levels among individuals with income of R\$3,000.00 to R\$5,000.00 and receiving up to R\$500.00, as well as among those who receive from R\$7,000.00 to R\$10,000.00 and those with income between R\$500.00 and R\$1,000.00. In addition, there are differences among people with incomes above R\$10,000.00 and those with incomes of up to R\$3,000.00. In both cases the coefficients were positive, indicating that people who earn more have a higher level of BEF.

PRACTICAL IMPLICATIONS

It is noteworthy research on Financial Well-being are fundamentals identifying areas financial management reviews no relation to individuals and families and can therefore be developed educational actions to contribute for Well-being society.

KEYWORDS

Financial Well-being; Income; Financial Management.

1. Introdução

Os mercados financeiros estão cada vez mais complexos e os indivíduos dispõem cada vez mais de uma variabilidade de opções de investimento, empréstimos e acesso a cartões de crédito. Contudo, muitos não têm conhecimento acerca dos riscos e altas taxas de alguns instrumentos financeiros, o que pode levá-los ao endividamento e insatisfação com a sua situação financeira (SCHMEISER; HOGARTH, 2013). Em função disso, vem sendo amplamente discutido na sociedade, na mídia e em pesquisas científicas o tema bem-estar financeiro, que pode ser compreendido como o sentimento do indivíduo de estar financeiramente saudável e isento de preocupações, baseando-se em avaliações subjetivas ou percepções de sua situação financeira (JOO, 2008).

O Bem-estar Financeiro é uma classificação auferida por cada indivíduo em relação à adequação de sua renda para satisfazer suas necessidades gerais (ARBER; FENN; MEADOWS, 2014). Dessa forma, ele difere entre as classes de renda, onde os indivíduos com rendimentos mais elevados são mais propensos a serem satisfeitos com a sua situação financeira (SUMARWAN, 1990; PENN, 2009; DELAFROOZ; PAIM, 2011). Plagnol (2011) argumenta que pessoas satisfeitas com suas condições financeiras, que apresentam níveis elevados de bem-estar Financeiro (BEF) acabam sendo mais felizes com suas vidas. Assim, pode-se considerar a existência de uma relação entre o bem-estar financeiro e a satisfação global com a vida, demonstrando assim, a grande relevância do tema.

Diante de tal importância, o estudo tem como objetivo principal analisar se existe diferença no nível de Bem-estar Financeiro entre diferentes classes de renda. Além disso, tem-se como objetivos específicos: i) identificar o perfil socioeconômico e demográfico dos respondentes, ii) caracterizá-los por meio de variáveis vinculadas ao gerenciamento financeiro e iii) verificar quais as variáveis impactam no bem-estar financeiro e estimá-las através da regressão de Mínimos Quadrados Ordinários.

Como inovação destaca-se a realização da pesquisa em uma cidade brasileira, pois existem poucos trabalhos que tratem a temática em âmbito nacional, além de ter o foco em indivíduos com diversas faixas de renda, como extremamente baixa (até R\$500 mensais), até alta (mais de R\$10.000,00 mensais). Por fim, embora exista uma expansão e evolução de estudos sobre o tema desde a década de 90, ainda existem diversas lacunas e possibilidades não exploradas. Ressalta-se ainda que as pesquisas sobre bem-estar financeiro são fundamentais para

identificar áreas críticas de gestão financeira no que tange a indivíduos e famílias, podendo assim ser desenvolvidas ações educativas no sentido de contribuir para um melhor bem-estar financeiro da sociedade.

2. Bem-Estar Financeiro

O bem-estar financeiro, também tratado por alguns autores como bem-estar econômico (LEACH; HAYHOE; TURNER, 1999), satisfação financeira (CHUAN; KAI; KOK, 2011; LOWN; JU, 1992; PLAGNOL, 2011) e tensão financeira (LYONS; YILMAZERT, 2005) adentrou nos assuntos acadêmicos na década de 90 e desde então vem sendo desenvolvidos estudos a cerca do tema (CHAN; CHAN; CHAU, 2012; GUTTER, COPUR, 2011; HAYOE; WILHELM, 1998; MALONE et al., 2010; O' NEILL et al., 2005; PENN, 2009; PORTER; GARMAN, 1993; SCHMEISER, HOGARTH, 2013; SHIM et al., 2009; SUMARWAN, 1990; XIAO, SORHAINDO, GARMAN, 2006).

Tratando-se da sua definição, Hayhoe e Wilhelm (1998) o definem como o resultado entre a situação financeira desejada e a situação financeira atual/real. Ou seja, leva-se em consideração à percepção do indivíduo da sua situação econômica pessoal em virtude do que é necessário e do que é desejado (HAYHOE E WILHELM, 1998). Delafrooz e Paim (2011) o consideram como um construto que inclui a satisfação com a situação financeira pessoal, percepção ou avaliação subjetiva dos recursos financeiros, estabilidade, bem como o valor objetivo dos bens. No mesmo sentido, Schmeiser e Hogarth (2013) destacam que o BEF é influenciado por inúmeros fatores, tanto financeiros como não financeiros. Observa-se assim que as abordagens utilizadas vão além de prismas objetivos limitados à renda, abrangendo também aspectos comportamentais, psicológicos e subjetivos do ser humano (DINIZ, 2013).

O sentimento de bem-estar financeiro pode ser decorrente do consumo consciente, dispensando estes que evita níveis altos de endividamento (LOWN; JU, 1992). Seguindo este escopo, Shim *et al.* (2009) compreendem o bem-estar financeiro como a propensão ao endividamento e satisfação com a situação financeira. Assim, os autores afirmam que as ameaças ao bem-estar financeiro são determinadas pela facilidade que a contemporaneidade proporciona na acessibilidade de crédito e execução de compras.

Outra perspectiva enfatiza o bem-estar financeiro entre duas dimensões, primeiramente a satisfação financeira pessoal e posteriormente a transferência de recursos financeiros e rendas

entre gerações nas famílias (CHUAN; KAI; KOK, 2011). Assim, o nível de satisfação financeira está positivamente relacionado com o nível de riqueza e de renda de um indivíduo.

Uma das escalas para mensurar o bem-estar financeiro mais utilizada é a proposta por Norvilitis, Szablicki e Wilson (2003), os quais realizaram uma pesquisa com 227 estudantes universitários e constataram que altos níveis de dívida se relacionam com uma menor confiança na capacidade de gerenciar o dinheiro, menor bem-estar financeiro e a uma elevação do nível de estresse. Destaca-se que a escala é formada por dois fatores: um relacionado com as preocupações financeiras atuais e outro relacionado com as expectativas/futuro financeiro. O primeiro representa a percepção dos entrevistados quanto à situação de suas dívidas. Enquanto o segundo representa a projeção futura quanto à situação do cartão de crédito (DINIZ, 2013).

2.1 Relação de variáveis socioeconômicas e demográficas e dívidas com o bem-estar financeiro

O bem-estar financeiro depende de uma variedade de fatores que extrapolam o âmbito da renda, como gênero, estado civil, possuir ou não dependentes, escolaridade, entre outras. Verifica-se a partir da perspectiva de gêneros, que homens possuem maiores níveis de bem-estar financeiro do que as mulheres (GUTTER; COPUR, 2011). As mulheres normalmente apresentam maiores indícios de adversidade econômica ou stress relacionado a finanças, afetando assim a sua percepção de bem-estar financeiro (LEACH, HAYHOE e TURNER, 1999). Corroborando esta ideia, Shimet *et al.* (2009) demonstraram em suas pesquisas que estudantes do sexo feminino, comparativamente aos estudantes do sexo masculino, são menos propensas a auto-percepção de satisfação financeira.

No que diz respeito ao estado civil, os estudos são incongruentes ao apontar se indivíduos solteiros ou casados são mais propensos à satisfação financeira. Sumarwan (1990) e Diniz *et al.* (2014) concluíram em suas pesquisas que indivíduos casados são mais propensos a serem satisfeitos com os recursos e os bens que possuem em relação a indivíduos solteiros, divorciados ou viúvos. Em contrapartida, Gutter e Copur (2011) afirmam, em seu trabalho sobre bem-estar financeiro com alunos de uma universidade, que os solteiros possuem significativamente maior bem-estar financeiro em relação aos casados, divorciados ou viúvos. Considerando a estrutura familiar, ou seja, as variáveis dependentes e filhos, os estudos de Penn (2009) e Kunkel

(2014) demonstram que o número de crianças ou dependentes em casa se constitui em um fator que influencia negativamente o bem-estar financeiro.

Analisando a variável grau de escolaridade, ainda são inconclusivos os resultados das pesquisas sobre bem-estar financeiro. Lown e Ju (1992) e Diniz et al. (2014) demonstram que existem diferenças significativas no que tange ao grau de escolaridade e a influência no bem-estar financeiro. Dessa forma, os autores concluíram que os grupos com maior nível educacional tendem a ser mais satisfeitos. Corroborando a ideia que o nível educacional influencia positivamente a percepção de bem-estar financeiro, Penn (2009) demonstra que os indivíduos com educação formal, no caso, diploma universitário, apresentam uma melhor percepção de bem-estar financeiro em relação a indivíduos sem diploma. O autor justifica que um diploma universitário geralmente está associado a empregos mais seguros, com taxas de desempregos mais baixas e rendimentos mais elevados, fatores que são positivamente relacionáveis com o bem-estar financeiro.

Em contrapartida, Plagnol (2011) relata que os indivíduos com um grau de escolaridade mais elevado possuem aspirações mais altas e, portanto, são menos satisfeitos com a sua situação financeira. Destaca-se que o autor conclui em sua pesquisa que a satisfação financeira não se constitui apenas em uma questão de renda, mas que o papel das aspirações e expectativas merecem maior exploração científica. O autor assim sugere, que o nível educacional está intimamente relacionado com as aspirações pessoais. E, estas, sofrem mudanças em decorrência de processos psicológicos, como por exemplo, a comparação social e a adaptação hedônica, o que justificaria pessoas com maior nível educacional possuírem níveis mais baixos de percepção de bem-estar financeiro.

No que diz respeito à variável renda, Sumarwan (1990), Delafrooz e Paim (2011) e Gutter e Copur (2011) observaram em seus estudos, que a variável tem coeficiente significativo e correlação positiva com o bem-estar financeiro. Assim, indivíduos que possuem maiores rendimentos e fontes de rendas diversificadas são mais propensos a estarem satisfeitos com a respectiva situação financeira. Ou seja, indivíduos com alto rendimento mensal apresentam maiores níveis de bem-estar financeiro se contrastados com pessoas de baixa renda mensal. Para Penn (2009), o aumento da renda familiar está diretamente relacionado com a auto percepção de segurança financeira. Nos resultados de sua pesquisa, foi verificado que 33,1% dos respondentes com menor renda se consideram inseguros financeiramente, em comparação com 6,9%

dos indivíduos com maiores rendimentos. Em contrapartida, 51,3% dos respondentes com renda mais alta são muito seguros em relação a sua situação financeira.

De forma análoga, Kunkel (2014) ao pesquisar o bem-estar financeiro com 1831 indivíduos residentes nos estados do Rio Grande do Sul, Maranhão e Minas Gerais, observou que quem possuía rendimento mensal entre 2 a 5 salários mínimos, o que corresponde a uma renda mensal de cerca de R\$1.450,00 a R\$3.620,00 são os que apresentam maiores níveis de bem-estar financeiro. No mesmo sentido, Diniz et al. (2014) verificaram que os indivíduos maranhenses com renda superior a R\$4.000,00 apresentam maior nível de bem-estar e satisfação financeira. Ao investigarem o bem-estar financeiro no Reino Unido com jovens trabalhadores e famílias, Vlaev e Elliott (2014) observaram que cerca de 37% dos respondentes não consideram possuir um excelente nível de bem-estar financeiro devido a insuficiência de renda, constatando assim a influência da renda sobre a satisfação financeira. Contudo, ao explorarem, de forma mais detalhada essa relação, verificou-se que a satisfação não aumenta automaticamente com os níveis de renda. A Figura 4 apresenta uma síntese da influência dos aspectos socioeconômicos e demográficos sobre o bem-estar financeiro.

VARIÁVEL SOCIOECONÔMICA E DEMOGRÁFICA	INFLUÊNCIA ESPERADA	AUTORES
GÊNERO	Homens e mulheres possuem percepções diferentes em relação ao bem-estar financeiro. As mulheres são menos satisfeitas em relação aos homens.	Gutter e Copur (2011); Leach, Hayhoe e Turner (1999); Shim et al. (2009)
ESTADO CIVIL	Os indivíduos casados são mais propensos a estarem satisfeitos com a situação financeira.	Sumarwan (1990); Diniz et al. (2014)
	Os indivíduos solteiros são mais propensos a estarem satisfeitos com a situação financeira.	Gutter e Copur (2011)
FILHOS	A presença de crianças na composição familiar altera a percepção de bem-estar financeiro.	Penn (2009); Kunkel (2014)
GRAU DE ESCOLARIDADE	Quanto maior o nível educacional maior a satisfação financeira.	Lown e Ju (1992); Penn (2009); Kunkel (2014)
	Quanto maior o nível educacional menor a satisfação financeira.	Plagnol (2011)

RENDA	Os indivíduos com rendimentos mais elevados são mais propensos a serem satisfeitos com a sua situação financeira.	Sumarwan (1990); Penn (2009); Delafrooz e Paim (2011); Vlaev e Elliott (2014); Kunkel (2014);Diniz et al. (2014)
--------------	---	--

Figura 1. Influência dos fatores socioeconômicos e demográficos sobre o bem-estar financeiro

Fonte: Adaptada de Diniz et al. (2014)

Outro fator que tem grande influência no bem-estar financeiro é o endividamento. Argumenta-se que a satisfação financeira precisa ser entendida dentro do contexto do estilo de vida e do rendimento disponível das famílias, o que torna a dívida familiar uma peça-chave e que precisa ser considerada. Implica-se que quanto maior a proporção da dívida em relação à renda, menor a satisfação financeira. O que significa que um aumento no rendimento, não pode se traduzir em aumento da satisfação financeira, se o nível da dívida é relativamente alto (VLAEV; ELLIOTT, 2013).

Muitas vezes as pessoas não dão a devida atenção a sua gestão financeira, levando a situações que não permitem o pagamento das dívidas, o que acaba por impactar no bem-estar financeiro. Norvilitis, Szablicki e Wilson (2003) e Norvilitis et al. (2006), ao investigarem os fatores associados à dívida no cartão de crédito de estudantes universitários observaram que o nível de endividamento exerce influência direta sobre o bem-estar financeiro, o que reporta a necessidade de os indivíduos planejarem adequadamente o uso do crédito de modo a não contraírem dívidas, dado que as mesmas diminuem a sensação de satisfação com as finanças pessoais.

Uma realidade a ser destacada é o amplo acesso de pessoas de diferentes classes de renda ao mercado de consumo, beneficiadas pela grande oferta de crédito, o que pode levar a dívidas. Lojas de eletrodomésticos e eletroeletrônicos vendem os produtos muitas vezes caros, para serem pagos em pequenas e longas prestações em carnês, o que estimula o consumo, pois a maioria dos indivíduos acabam comprando considerando apenas o valor da parcela, ultrapassando muitas vezes as condições de pagamento (MDS, SAGI, 2014).

O número de cartões de crédito que os indivíduos possuem também desempenha um importante papel no aumento do nível de dívida. A disponibilidade de recursos financeiros extras incentiva os indivíduos a consumir mais e, por consequência, a gastar mais. Por estes motivos, gerir os recursos disponíveis de forma consciente é o método mais conveniente para a manutenção do bem-estar financeiro, o que propicia uma relação favorável com o cumprimento financeiro das necessidades, evitando níveis elevados de endividamento (PLAGNOL, 2011). Por

outro lado, a falta de planejamento e controle do dinheiro, acarreta em insatisfação financeira, tanto de indivíduos de baixa renda ou não (KIM; GARMAN; SORHAINDO, 2003).

3 Método

A pesquisa constitui-se em um estudo descritivo, com abordagem quantitativa. O cenário é a cidade de Santa Maria, localizada no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, com população estimada de 274.838 habitantes (IBGE, 2015). A aplicação do instrumento de coleta de dados (questionário) foi realizada em ambiente externo, através do contato com indivíduos dispostos a participarem da pesquisa. Foram selecionados e treinados pesquisadores para a aplicação dos referidos instrumentos.

O questionário é formado por três blocos de perguntas. O primeiro refere-se ao gerenciamento financeiro familiar. A estruturação dessas questões se deu a partir da adaptação de modelos já aplicados por Shockey (2002), OECD (2013) e Flores (2012). O segundo bloco compreende o bem-estar financeiro, onde foi utilizada a escala proposta por Norvilitis, Szablicki e Wilson (2003) composta por oito questões, sendo uma escala do tipo *likert* de cinco pontos e tendo como alternativa de resposta: discordo totalmente (1), discordo (2), indiferente (3), concordo (4) e concordo totalmente (5). Tal escala foi escolhida por ser amplamente utilizada na literatura sobre o tema e ser a que melhor se adequou ao escopo da pesquisa.

Como interpretação das respostas, tem-se que quanto maior for à concordância com as alternativas maior o bem-estar financeiro. Todavia, atenta-se para o fato de que as questões 5, 6, 7 e 8 são invertidas, ou seja, quanto maior a concordância menor o bem-estar financeiro. Para padronizar as questões, essas quatro questões foram invertidas para o mesmo sentido das demais. Na última seção estão listadas as questões referentes ao perfil dos respondentes, as quais visam caracterizar os indivíduos respondentes. As variáveis inerentes a esse bloco são: idade, gênero, estado civil, dependentes, moradia, nível de escolaridade, quem trabalha na casa, qual a ocupação do respondente e a renda familiar média mensal.

Para a análise dos dados coletados, utilizou-se o software SPSS 20.0® e foi realizada em duas fases: a estatística descritiva e a estatística multivariada. A estatística descritiva teve como finalidade caracterizar a amostra e descrever o comportamento dos indivíduos em relação ao bem-estar financeiro. Em seguida, para verificar se existem diferenças no bem-estar finan-

ceiro diante de variáveis relativas ao gerenciamento financeiro e de diferentes níveis de renda, aplicaram-se os testes de diferença de média, teste *t* de *Student* (Teste *t*), utilizado para comparar duas médias e a análise de variância (ANOVA), que compara as médias de mais de dois grupos simultaneamente.

A análise da variância, avalia as diferenças de média entre grupos (HAIR *et al.*, 2009), por meio da OneWay –ANOVA realizada em três testes: homogeneidade da variância, F ANOVA e *Post-Hoc* HDS de Tukey. Inicialmente para observar a homogeneidade da variância, ou seja, avaliar a igualdade das variâncias entre os grupos investigados (CORRAR, PAULO e FILHO, 2009) utilizou-se o teste de Levene. Para isso, testa-se a hipótese nula de que as diferenças entre as variâncias é zero (sig. > 0,05) e a hipótese alternativa de que as variâncias são significativamente diferentes, violando assim a suposição de homocedasticidade (sig. <0,05) (FIELD, 2009).

Subsequente às observações da homogeneidade da variância, realizou-se o teste F, o qual avalia a “hipótese nula de médias equivalentes de grupos sobre uma variável dependente” (HAIR *et al.*, 2009, p. 278). Em outras palavras, o teste F compara a média dos vários grupos, se houver diferenças significativas (sig. <0,05) indica que há diferenças de média em pelo menos um dos grupos comparados, mas se o teste não apresentar significância (sig. > 0,05) representa que na amostra investigada não há casos em que a média de uma variável comparada com a outra seja tão grande a ponto de tornar-se significativa (PESTANA; GAGEIRO, 2008).

Se o teste F apresentar significância, parte-se para o teste *Post-Hoc* de Tukey, o qual evidencia as diferenças de média entre os grupos que demonstrarem-se significativas (HAIR *et al.*, 2009). Optou-se, em meio a vários testes *Post-Hoc* a execução do *Tukey*, pois ele é o mais adequado para a análise de comparações múltiplas e variâncias iguais (PESTANA; GAGEIRO, 2008). O próximo passo foi a realização da análise de regressão com o intuito de verificar a influência de cada variável no bem-estar financeiro. Conforme Hair *et al.* (2009), a regressão linear é efetuada para analisar a relação entre uma única variável dependente, neste caso o bem-estar financeiro e demais variáveis independentes identificadas na pesquisa.

Com a finalidade de aplicar a análise da regressão linear, através do método dos Mínimos Quadrados Ordinários (MQO), as seguintes variáveis socioeconômicas e demográficas foram recodificadas em variáveis binárias: *dummy* gênero (0 = masculino e 1 = feminino), *dummy* estado civil (0 = casado e 1 = solteiro/viúvo/separado), *dummy* dependentes (0 = não possui e 1 = possui), *dummy* escolaridade de 1ª a 4ª série, *dummy* escolaridade de 5ª a 8ª série, *dummy* es-

colaridade ensino médio, *dummy* escolaridade faculdade, *dummy* escolaridade pós-graduação, *dummy* renda de R\$500,01 a R\$1.000,00, *dummy* renda de R\$1.000,01 a R\$2.000,00, *dummy* renda de R\$2.000,01 a R\$3.000,00, *dummy* renda de R\$3.000,01 a R\$4.000,00, *dummy* renda de R\$4.000,01 a R\$5.000,00, *dummy* renda de R\$5.000,01 a R\$7.000,00, *dummy* renda de R\$7.000,01 a R\$10.000,00, *dummy* renda de mais de R\$10.000,00 e *dummy* Bolsa-Família (0 = não recebe o benefício e 1 = recebe o benefício). Para todas as *dummies* escolaridade e renda, zero corresponde a outras classes, e um a classe correspondente.

Após a estimação da regressão linear, analisa-se o R^2 , ou o coeficiente de determinação múltiplo, o qual é utilizado para mensurar o quanto a linha de regressão amostral se ajusta aos dados obtidos. Assim, o R^2 tem por função indicar o quanto as variáveis independentes explicam a variável dependente. Segundo Gujarati e Porter (2011), com limites entre 0 e 1 ($0 \leq R^2 \leq 1$), quando R^2 for igual a 1, tem-se um ajustamento perfeito do modelo, em outras palavras, a regressão ajustada explica 100% do fenômeno, ou seja, da variável dependente.

A fim de identificar os pressupostos de normalidade, autocorrelação, multicolinearidade e homocedasticidade do modelo, utilizou-se os testes Kolmogorov-Smirnov (KS), Durbin Watson (DW), Fator de Inflação (FIV) e Pesarán-Pesarán, respectivamente. Para verificar a normalidade do erro, será utilizado o teste KS sob a hipótese nula de que a distribuição da série testada é normal. Para Malhotra (2011), o KS constitui-se em um teste não-paramétrico de aderência para uma amostra, comparando a distribuição cumulativa de uma variável com uma distribuição especificada. Corrar, Paulo e Filho (2009) afirmam que o objetivo é aceitar a hipótese nula, sendo que esse fato ocorre sempre que o valor de significância for maior que 0,05. A autocorrelação, por sua vez, é testada através do teste de DW, que segundo Gujarati e Porter (2011) se constitui no teste mais adequado para identificar a presença de correlação serial.

Com o intuito de se verificar a premissa de multicolinearidade das variáveis, aplica-se o teste VIF, onde até 1 significa sem multicolinearidade, de 1 a 10, com multicolinearidade aceitável e acima de 10, com multicolinearidade problemática (CORRAR, PAULO E FILHO, 2009). E, por fim, para testar a homocedasticidade, realiza-se o teste de Pesarán-Pesarán, que segundo Corrar, Paulo e Filho (2009), tem por função verificar se a variância do resíduo se mantém constante, onde aceita-se a hipótese nula de que os resíduos são homocedásticos quando o sig for maior que 0,05.

4 Análise e Discussão dos Resultados

A pesquisa foi realizada com uma amostra de 582 respondentes em Santa Maria, Rio Grande do Sul. A fim de melhor conhecer o perfil dos participantes elaborou-se a Tabela 1.

Tabela 1 – Perfil dos respondentes segundo as variáveis: idade, gênero, estado civil, dependentes, grau de escolaridade e renda mensal familiar

Variável	Alternativas	Frequência	Percentual
Idade	Até 24 anos	151	25,55
	De 25 a 31 anos	138	23,35
	De 32 a 44 anos	148	25,04
	Mais de 44 anos	154	26,06
Gênero	Masculino	180	31,14
	Feminino	398	68,86
Estado Civil	Casado	259	44,81
	Solteiro	266	46,02
	Viúvo	13	2,25
	Separado	40	6,92
Possui Dependentes	Não	269	46,70
	Sim	307	53,30
Escolaridade	Nunca estudei	4	0,70
	Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série	18	3,13
	Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série	69	12,00
	Ensino Médio	243	42,26
	Faculdade (Ensino Superior)	156	27,13
	Pós-Graduação	85	14,78
Renda Mensal Familiar	Até R\$ 500,00	26	4,56
	De R\$ 500,01 a R\$ 1.000,00	95	16,67
	De R\$ 1.000,01 a R\$ 2.000,00	85	14,91
	De R\$ 2.000,01 a R\$ 3.000,00	86	15,09
	De R\$ 3.000,01 a R\$ 4.000,00	72	12,63
	De R\$ 4.000,01 a R\$ 5.000,00	54	9,47
	De R\$ 5.000,01 a R\$ 7.000,00	75	13,16
	De R\$ 7.000,01 a R\$ 10.000,00	45	7,89
	Mais de R\$ 10.000,00	32	5,61

Fonte: Dados da Pesquisa (2015)

Com base nos resultados da Tabela 01, é perceptível que em relação à idade, a amostra é bastante heterogênea, pois 25,55% dos entrevistados possuem até 24 anos, 23,35% de 25 a 31 anos, 25,04% de 32 a 44 anos e 26,06% mais de 44 anos. A maioria dos respondentes pertence ao gênero feminino (68,86%), sendo grande parte solteiros (as) (46,02%) ou casados (as)

(44,81%). Constatou-se que a maioria possui dependentes (53,30%). Sobre o grau de escolaridade, 42,26% possuem Ensino Médio, 27,13% possuem Ensino Superior e 14,78% possuem Pós-Graduação.

Ao realizar a análise dos dados referentes à renda média mensal familiar, percebe-se que grande parte da amostra possui renda entre R\$500,01 R\$4.000,00 (59,30%) e 36,13% possuem rendimentos maiores que R\$4.000,00. Após conhecer o perfil dos respondentes, o estudo buscou analisar os resultados das questões referentes ao Gerenciamento Financeiro.

Tabela 02- Aspectos relacionados ao Gerenciamento Financeiro segundo as variáveis: possuir dívida, cartão de crédito e carnê de crediário.

Variável	Alternativas	Frequência	Percentual
Você possui dívidas?	Não possuo dívidas.	189	26,40
	Tenho com algum banco/financeira.	207	28,91
	Tenho no supermercado do bairro.	43	6,00
	Tenho com amigos e/ou colegas.	36	5,03
	Tenho com lojas de crediário próprio (Quero-Quero).	177	24,72
	Tenho com agiotas.	2	0,28
	Tenho com familiares.	35	4,89
	Tenho com outros.	27	3,77
Na sua casa, alguém possui cartão de crédito (Visa, Mastercard, Banri-compras, etc.)?	Não	145	22,20
	Sim, você.	358	54,82
	Sim, outra pessoa.	149	22,82
	Não sabe.	1	0,15
Na sua casa, alguém possui carnê de crediário (Quero-Quero, Renner, Magazine Luiza, Riachuelo, etc.)?	Não	250	41,25
	Sim, você.	248	40,92
	Sim, outra pessoa.	98	16,17
	Não sabe.	10	1,65

Fonte: Resultados da pesquisa (2015)

Ao realizar-se a análise dos dados referentes ao gerenciamento financeiro com relação às dívidas, percebe-se que 73,6% dos respondentes as possuem. Grande parte deve a algum banco/financeira (28,91%) e/ou lojas de crediário próprio (24,72%). As alternativas que obtiveram os menores percentuais foram “tenho dívidas com agiotas” (apenas 0,28%) e “tenho com outros” (3,77%). Tratando-se da questão referente a posse de cartão de crédito, a maioria dos entrevistados (54,82%) declarou eles próprios possuírem ao menos um, esse resultado justifica o alto percentual de dívidas com banco ou financeira, pois de acordo com Kim e Devaney

(2001), a disponibilidade de recursos financeiros extras, dada pelo cartão de crédito incentiva os indivíduos a gastar mais, levando muito vezes ao aumento do nível de dívidas.

Em relação aos membros da casa possuírem carnê de crediário, verificou-se que mais da metade dos indivíduos pesquisados (57,09) declararam que eles ou alguém que mora na mesma casa possui algum carnê. Esse fato, aliado ao alto percentual de dívidas em lojas de crediário próprio (24,72%), corroboram com os estudos do MDS, SAGI (2014) que salienta o fato de muitas lojas venderem seus produtos através de carnês de crediário próprio, de forma parcelada com longos prazos, fazendo com que muitos consumidores acabem se endividando devido ao acúmulo das parcelas de diferentes compras. Para complementar a análise acerca do Gerenciamento Financeiro, os respondentes foram questionados sobre os seus gastos, quem toma as decisões financeiras na casa, qual a situação do dinheiro na família, controle dos gastos e satisfação com a situação financeira. Os resultados são apresentados na Tabela 03.

Tabela 03- Aspectos relacionados ao Gerenciamento Financeiro segundo as variáveis: controle dos gastos, tomadores de decisão, situação do dinheiro da família e satisfação financeira.

Variável	Alternativas	Frequência	Percentual
Com relação aos seus gastos, você diria que:	Gasta mais do que ganha.	147	25,48
	Gasta igual ao que ganha.	256	44,37
	Gasta menos do que ganha.	174	30,16
Na sua casa, quem decide como vai ser gasto o dinheiro?	Você.	270	46,71
	Seu(a) parceiro(a).	15	2,60
	Você e seu(a) parceiro(a).	214	37,02
	Seus filhos e/ou netos.	2	0,35
	Seus pais.	71	12,28
	Outros membros da família.	6	1,04
Qual a frase que MELHOR descreve a situação do dinheiro que a sua família ganha a cada mês?	Geralmente, têm mais do que precisam para pagar todas as contas mensais e podemos comprar coisas extras.	106	18,21
	Pagam todas as contas e de vez em quando sobra um pouco para comprarmos coisas extras.	219	37,63
	Pagam todas as contas e têm o suficiente para gastos esporádicos (ex. presentes de aniversário).	118	20,27
	Pagam as despesas mensais, mas não conseguem comprar coisas extras.	86	14,78
	Geralmente, não conseguem pagar todas as despesas mensais.	53	9,11
Qual das seguintes afirmações MELHOR descreve o quanto você controla seus gastos regulares.	Não costuma controlar seus gastos.	49	8,43
	Mantém um pequeno controle sobre seus gastos.	153	26,33
	Não mantém escrito, mas controla os gastos.	172	29,60
	Utiliza anotações por escrito para manter maior controle sobre os gastos.	207	35,63
No geral, quanto satisfeito você está com sua situação financeira?	Totalmente Insatisfeito.	30	5,15
	Insatisfeito.	210	36,08
	Indiferente.	78	13,40
	Satisfeito.	254	43,64
	Totalmente Satisfeito.	10	1,72

Fonte: Resultados da pesquisa (2015)

Percebe-se que grande parte dos indivíduos gasta igual ao que ganha (44,37%), contudo, um alto percentual de entrevistados respondeu que gasta mais do que ganha (25,48%). Em relação a quem decide como vai ser gasto o dinheiro em casa, 46,71% dos indivíduos relataram que eles mesmos decidem, e 37,02% que são eles e seu parceiro(a).

Grande parte das famílias consegue pagar todas as contas e de vez em quando consegue comprar coisas extras com o que sobra (37,63%) ou pagam todas as contas e têm o suficiente para gastos esporádicos (20,27%). Apenas 9,11% dos indivíduos afirmam não conseguir pagar

todas as contas mensais. Resultados similares foram encontrados por Shockey (2002) ao questionar a situação financeira dos indivíduos residentes nos Estados Unidos, onde 50% deles afirmam pagar suas contas mensais e sobrar um pouco para gastos extras e esporádicos. Além disso, apenas 11% declaram possuir mais do que necessitam e com isso conseguem realizar uma poupança mensal, em comparação aos 18,21% dos respondentes neste estudo.

Verificou-se que mais da metade dos entrevistados (65,23%) faz algum tipo de controle dos gastos, sendo que destes, 35,63% utiliza anotações por escrito para manter maior controle. Esses resultados foram bem próximos dos de uma pesquisa realizada pela OECD na América Latina e Caribe, onde constatou-se que no Brasil e no Peru, entre 70% e 80% dos entrevistados indicaram possuir um controle sobre a sua gestão financeira (GARCÍA et al., 2013).

A maior parte dos indivíduos sente-se satisfeito com sua situação financeira (43,64%). No entanto, uma parcela relevante da amostra sente-se insatisfeito (36,08%), o que pode ser explicado pela falta de planejamento e controle do dinheiro (KIM; GARMAN; SORHAINDO, 2003). Após conhecer o perfil dos respondentes e alguns aspectos relacionados à origem, ao controle, ao planejamento e à sua situação financeira, o estudo buscou verificar o nível de bem-estar financeiro dos indivíduos. Para tanto, as variáveis foram transformadas em fator a partir da média de seus resultados. O fator Bem-estar Financeiro apresentou *Alfa de Cronbach* de 0,72, indicando sua consistência interna, dado que segundo Malhotra (2006) deve alcançar o valor mínimo de 0,7. O fator apresentou média de 2,60 e desvio padrão de 0,66. Dado que quanto maior a concordância com as respostas, ou seja, concordo totalmente (5 na escala *li-kert*), maior o bem-estar financeiro, observa-se que os indivíduos, apresentam um nível intermediário de bem-estar financeiro. Na Tabela 04, é apresentada a média de cada variável e o percentual de cada resposta.

Tabela 04- Percentual válido da escala de bem-estar financeiro.

Variáveis	Média	Percentuais				
		Discordo totalmente (1)	Discordo (2)	Indiferente (3)	Concordo (4)	Concordo totalmente (5)
1.Você se sente financeiramente satisfeito.	2,79	11,21	37,59	13,79	35,52	1,90
2.Você acredita estar em uma boa situação financeira.	2,78	11,40	39,38	11,40	35,58	2,25
3.Daqui a 1 ano, você pretende ter pago todas suas dívidas.	3,82	3,50	8,92	15,38	46,50	25,70
4.Daqui a 5 anos, você pretende ter pago todas as suas dívidas.	3,98	4,23	5,64	16,75	34,57	38,80
5.Você se sente desconfortável com a quantia que deve.*	3,13	11,80	21,30	21,83	31,87	13,20
6.Você se preocupa constantemente com o pagamento de suas dívidas.*	4,01	2,60	6,60	11,98	45,14	33,68
7.Você pensa muito em suas dívidas.*	3,56	6,53	12,70	21,69	36,16	22,93
8.Você tem tido discussões com outras pessoas (pais, amigos, esposo(a) e outros) devido a sua dívida.*	2,27	33,22	31,46	16,52	12,30	6,50

Fonte: Resultados da pesquisa (2015)

*Questões invertidas

As variáveis “Você se sente financeiramente satisfeito” (média 2,79) e “Você acredita estar em uma boa situação financeira” (média 2,78) apresentam resultados similares, ficando abaixo da média da escala do tipo *likert*. Assim, analisando-se os percentuais válidos, verifica-se uma predominância das respostas no item “discordo”, com 37,59% para a variável “Você se sente financeiramente satisfeito” e 39,38% para a variável “Você acredita estar em uma boa situação financeira”. Ainda, os percentuais de “concordo” são: 35,52%, e 35,58%, respectivamente. Esses resultados evidenciam um equilíbrio das respostas e permitem inferir que os respondentes apresentam um nível mediano de bem-estar.

Avaliando a afirmação “Penso muito em minhas dívidas” (média 3,56) observa-se uma concentração na concordância (59,09%). No que diz respeito à variável “Tenho tido discussões com outras pessoas (pais, amigos, esposo(a), outros) devido as minhas dívidas” (média 2,27) com um percentual válido de 33,22% de “discordo totalmente” e de 31,46% de “discordo” em

um total de discordância de 64,68%, indicando que as dívidas não afetam os relacionamentos interpessoais.

As variáveis “Daqui a 1 ano, você pretende ter pago todas suas dívidas” (média 3,82) e “Daqui a 5 anos, você pretende ter pago todas as suas dívidas” (média 3,92) apresentam resultados concentrados na área da “concordância”, 72,2% e 73,37% respectivamente.

A variável “Você se sente desconfortável com a quantia que deve” (média 3,13), demonstrou que a maior parte dos indivíduos sente desconforto (45,07%). A alternativa indiferente apresentou um alto percentual (21,83%). A variável “Penso muito em minhas dívidas” (média 3,56) apresenta resultados que demonstram uma concentração na concordância (59,09%). No que diz respeito à variável “Você se preocupa constantemente com o pagamento de suas dívidas”, a mesma apresenta resultados que demonstram uma concentração na concordância (78,82%). Apenas 9,20% dos entrevistados, demonstrou não ter preocupação com as dívidas.

De maneira geral, os entrevistados não se sentem financeiramente satisfeitos, nem acreditam estar em uma boa situação financeira, pensam e se preocupam com as dívidas e acreditam que no futuro as terão pago. Além disso, eles não têm tido discussões com outras pessoas devido a alguma dívida.

A fim de verificar se existem diferenças significativas de bem-estar financeiro segundo características de gerenciamento financeiro, foram realizados Teste T (1) e ANOVA (2). Para a formação dos grupos a serem testados foram consideradas todas as variáveis que descreviam o gerenciamento financeiro dos entrevistados. Assim, foram analisadas seis variáveis (Tabela 5): gastos, quem decide como vai ser gasto o dinheiro, situação do dinheiro, controle dos gastos, satisfação financeira e as *dummies* possuir dívidas, possuir cartão de crédito, possuir carnê de crediário, onde 0 representa não possuir e 1 representa possuir.

Tabela 05 - Valor e significância do Teste t (1) e ANOVA (2) para as variáveis de gerenciamento financeiro

Variável	Teste paramétrico	
	Valor	Sig
<i>Dummy</i> POSSUIR DÍVIDAS (1)	6,155	0,000*
<i>Dummy</i> POSSUIR CARTÃO CRÉDITO (1)	-5,185	0,000*
<i>Dummy</i> POSSUIR CARNÊ DE CREDIÁRIO (1)	0,711	0,477
GASTOS (2)	4,359	0,000*
QUEM DECIDE COMO VAI SER GASTO O DINHEIRO (2)	1,354	0,074
SITUAÇÃO DO DINHEIRO (2)	3,817	0,000*
CONTROLE DOS GASTOS (2)	1,049	0,392
SATISFAÇÃO FINANCEIRA (2)	5,674	0,000*

Fonte: Resultados da pesquisa (2015).

Considerando os resultados, percebe-se que existe diferença significativa no bem-estar financeiro para as variáveis possuir dívidas, possuir cartão de crédito, gastos, situação do dinheiro e satisfação financeira. Assim, indivíduos que possuem dívidas apresentam nível de bem-estar financeiro, em média menor (2,49) do que o grupo que não possui (2,84). Quanto a possuir cartão de crédito, o grupo de indivíduos que possui apresentou nível de bem-estar financeiro em média maior (2,68) dos que os que não possuem (2,36). Corroborando com esses resultados, Shim *et al.* (2009) relacionam um menor bem-estar financeiro com uma maior propensão a adquirir dívidas, afirmando que as ameaças ao bem-estar financeiro são determinadas pela facilidade para a acessibilidade de crédito. Quanto ao fato de quem possui cartão de crédito apresentar em média maior bem-estar financeiro, se deve ao fato de que possuir mais um meio de compra, se utilizado com responsabilidade, pode contribuir para a execução de compras indispensáveis.

Entre os entrevistados, aqueles que gastam menos do que ganham apresentam em média maior bem-estar financeiro (2,93) do que aqueles gastam igual ao que ganham (2,57) e gastam mais do que ganham (2,25). Quanto à situação do dinheiro, aqueles que geralmente conseguem pagar todas as despesas mensais e conseguem economizar ou comprar coisas extras, possuem em média maior bem-estar financeiro (3,06) do que aqueles que conseguem pagar todas as despesas mensais, mas não conseguem comprar coisas extras (2,20) e daqueles que geralmente não conseguem pagar todas as despesas mensais (2,10). Esses resultados ratificam Lown e Ju (1992), que descrevem que o sentimento de bem-estar financeiro pode ser decorrente do con-

sumo consciente, dispêndios estes que evitam níveis altos de endividamento. Por fim, dentre os níveis de satisfação quanto à situação financeira (totalmente insatisfeito, insatisfeito, indiferente, satisfeito, totalmente satisfeito) também há diferenças significativas no bem-estar financeiro, onde o grupo totalmente insatisfeito com a situação financeira apresentou em média menor nível de bem-estar financeiro (2,08), do que aqueles totalmente satisfeitos (3,23).

Observa-se assim, que o nível de bem-estar financeiro varia de acordo com características de gerenciamento financeiro de cada indivíduo, por isso a importância de se administrar os recursos de forma responsável, atentando-se as receitas e despesas e a responsabilidade no uso de instrumentos de crédito. Dando sequência às investigações, foi realizada a análise da variância com a finalidade de verificar se em média, há diferença no nível de bem-estar financeiro segundo as classes de renda (Tabela 06).

Tabela 06– Valor e significância da homogeneidade da variância e do teste *F* para o Bem-estar Financeiro

Fator	Homogeneidade da variância		Teste <i>F</i>	
	Valor	Sig.	Valor	Sig.
Bem-estar Financeiro	1,794	0,090	11,119	0,000

Fonte: Resultados da pesquisa (2015).

Em relação ao nível de bem-estar financeiro, não se rejeita a hipótese de homogeneidade da variância, pois o valor da significância é superior a 0,05. Por meio do teste *F*, identificou-se que em média há diferenças no nível de bem-estar financeiro segundo as classes de renda estudadas. Em seguida buscou-se identificar quais as diferenças são significativas através do Teste *Post-Hoc HDS* de *Tukey*. A Tabela 07 ilustra as diferenças evidenciadas.

Tabela 07 – Teste *Post-Hoc* HDS de Tukey, diferença de média e significância para cada nível de renda

Fator	Renda	Renda	Diferença de média	Sig.
Bem-estar financeiro	De R\$ 3.000,01 a R\$ 4.000,00	Até R\$ 500,00	0,468	0,034
	De R\$ 4.000,01 a R\$ 5.000,00	Até R\$ 500,00	0,485	0,036
	De R\$ 7.000,01 a R\$ 10.000,00	Até R\$ 500,00	0,564	0,009
		De R\$ 500,01 a R\$ 1.000,00	0,399	0,015
	Mais de R\$ 10.000,00	Até R\$ 500,00	0,854	0,000
		De R\$ 500,01 a R\$ 1.000,00	0,689	0,000
		De R\$ 1.000,01 a R\$ 2.000,00	0,584	0,000
De R\$ 2.000,01 a R\$ 3.000,00		0,504	0,005	

Fonte: Resultados da pesquisa (2015).

Conforme pode ser observado na Tabela 6, para o bem-estar financeiro, oito comparações apresentaram diferenças de média significativas ao nível de 5%. Observa-se que os indivíduos que ganham de R\$3.000,00 a R\$5.000,00 são mais satisfeitos financeiramente do que aqueles com renda de até R\$500,00. Os que possuem renda entre R\$7.000,00 a R\$10.000,00 sentem maior nível de bem-estar financeiro que os que recebem até R\$1.000,00 e os indivíduos com rendimentos acima de R\$10.000,00 sentem-se melhores financeiramente que os que possuem renda de até R\$3.000,00. Esses resultados confirmam as conclusões de Sumarwan (1990); Penn (2009); Delafrooz e Paim (2011); Vlaev e Elliott (2014); Kunkel (2014); Diniz et al. (2014), de que quanto maior a renda, maior o nível de bem-estar financeiro.

Com o intuito de verificar a influência das variáveis socioeconômicas e demográficas no bem-estar financeiro, realizou-se uma regressão linear múltipla. Para a estimação do modelo de regressão linear, utilizou-se a estimação por Mínimos Quadrados Ordinários (MQO) e método *Stepwies* (Tabela 08).

Tabela 08- Resultados da regressão múltipla por Mínimos Quadrados Ordinários pelo método *Stepwise*, estimada para o bem-estar financeiro.

Variáveis	Coeficientes Padronizados	Teste t		VIF
		Valor	Sig	
<i>Dummy</i> Renda Mais de R\$ 10.000,00	0,163	3,933	0,000	1,025
<i>Dummy</i> Bolsa Família	-0,120	-2,922	0,004	1,018
<i>Dummy</i> Renda de R\$ 1.000,00 a R\$ 2.000,00	-0,092	-2,243	0,025	1,015

Fonte: Resultados da pesquisa (2015).

O resultado apresenta três variáveis independentes, com um R^2 ajustado de 0,056, o que significa que as variáveis independentes em conjunto explicam 5,6% da variável dependente. A significância do teste F (valor 11,119 e sig. 0,000) indica que pelo menos uma das variáveis independentes exerce influência sobre a variável dependente, sendo considerado o modelo significativo.

Quanto aos pressupostos do modelo, observou-se que: (i) não há autocorrelação serial, uma vez que o valor do teste de Durbin Watson (1,884) ficou próximo de 2; (ii) o modelo não apresenta problemas de multicolinearidade, dado que os FIVs ficaram próximos a 1; (iii) os resíduos do modelo possuem distribuição normal, uma vez que o teste Kolmogorov-Smirnov não foi significativo (valor 0,751 e sig. 0,626) e iv) os resíduos são homocedásticos, pois o teste *Pesarán-Pesarán* apresentou sig maior que 0,05 (valor 0,037 e sig. 0,847).

Analisando-se os coeficientes que expressam a magnitude e a direção da relação de cada uma das variáveis independentes sobre a variável dependente, constatou-se que as variáveis: *dummy* renda maior que R\$10.000,00 exerce influência positiva e as *dummies* renda de R\$1.000,00 a R\$2.000,00 e Bolsa Família exercem influência negativa no bem-estar financeiro. Esses resultados evidenciam que indivíduos com renda acima de R\$10.000 apresentam maior satisfação financeira ou nível de bem-estar financeiro que os que possuem renda inferior, e que os beneficiários do Programa Bolsa Família sentem menor nível de bem-estar financeiro do que as pessoas que não recebem o benefício.

No que diz respeito aos resultados identificados na regressão linear, diversos estudos enfatizam que menores níveis de renda influenciam negativamente na percepção de bem-estar financeiro, já os maiores níveis, influenciam positivamente (PENN, 2009; PLAGNOL, 2011; SUMARWAN, 1990; XIAO; SORHAINDO; GARMAN; 2006; DELAFROOZ, PAIM, 2011; Vlaev e Elliott (2014); KUNKEL (2014); DINIZ et al. (2014). A influência negativa do recebimento do Bolsa-Família pode ser explicada pelo fato de que para as pessoas serem beneficiárias do programa Bolsa Família, é necessário que possuam renda familiar mensal de no máximo R\$154,00 (MDS; SENARC, 2014), o que é muito baixa, indo ao encontro do fato de que a baixa renda influencia negativamente no bem-estar financeiro.

As *dummies* gênero, estado civil, dependentes, escolaridade de 1ª a 4ª série a pós-graduação e *dummy* renda de R\$500,01 a R\$1.000,00, *dummy* renda de R\$2.000,01 a R\$3.000,00, *dummy* renda de R\$3.000,01 a R\$4.000,00, *dummy* renda de R\$4.000,01 a R\$5.000,00, *dummy* renda de R\$5.000,01 a R\$7.000,00, *dummy* renda de R\$7.000,01 a

R\$10.000,00, não se mostraram significativas, indo ao encontro dos resultados encontrados por Gutter e Copur (2011), Leach, Hayhoe e Turner (1999), Shim et al. (2009), tratando-se do gênero, Sumarwan (1990), Diniz et al. (2014), Gutter e Copur (2011) em relação ao estado civil, Penn (2009) e Kunkel (2014) em relação a possuir dependentes, Lown e Ju (1992); Penn (2009); Kunkel (2014) e Plagnol (2011) tratando-se da escolaridade.

5 Considerações finais

Os hábitos de consumo e comportamentos de gestão financeira diante da diversidade de produtos financeiros disponíveis são pontos cruciais para a determinação do bem-estar financeiro. Indivíduos com altos níveis de endividamento e práticas orçamentárias disfuncionais ou ruins acabam por afetar de forma negativa as condições físicas e de satisfação com a vida. Assim, este trabalho teve como objetivo identificar se existem diferenças no nível de bem-estar financeiro dos indivíduos com diferentes classes de renda e verificar quais variáveis influenciam de forma significativa a satisfação financeira. A amostra é predominantemente composta por mulheres, solteiros(as), sem filhos, com ensino médio, com idade média de 34 anos. De forma geral, os indivíduos mostraram-se insatisfeitos com a própria situação financeira, pensam e preocupam-se com as dívidas e acreditam que no futuro não terão dívidas.

Tendo como parâmetro a análise multivariada, observou-se que existem diferenças significativas no nível de bem-estar financeiro entre os indivíduos que ganham de R\$3.000,00 a R\$5.000,00 e os que recebem até R\$500,00, entre os que recebem entre R\$7.000,00 a R\$10.000,00 e os que possuem renda entre R\$500,00 e R\$1.000,00 e pessoas com rendimentos acima de R\$10.000,00 sentem-se melhores financeiramente que os que possuem renda de até R\$3.000,00. Em ambos os casos os coeficientes foram positivos, indicando que as pessoas que ganham mais, possuem maior nível de bem-estar financeiro em relação aos que ganham menos.

Além disso, através da análise de regressão, constatou-se que entre as variáveis gênero, estado civil, possuir ou não dependentes, renda e receber ou não o Bolsa-Família, apenas a *dummy* renda maior que R\$10.000,00, *dummy* renda de R\$1.000,00 a R\$2.000,00 e *dummy* Bolsa-Família influência no nível de bem-estar financeiro dos indivíduos, de forma positiva, negativa e negativa respectivamente. Assim, de maneira geral, constata-se que indivíduos com

renda acima de R\$10.000 apresentam maior satisfação financeira ou nível de bem-estar financeiro que os que possuem renda inferior, e que os beneficiários do Programa Bolsa Família sentem menor nível de bem-estar financeiro do que as pessoas que não recebem o benefício.

Como principal contribuição da pesquisa destaca-se, de acordo com a renda, quem necessita de maior contribuição para ações de marketing (notadamente comportamento do consumidor), bem como políticas de crédito/financiamentos, associando-se às questões de bem-estar financeiro e níveis de endividamento, por exemplo. Destaca-se que as limitações do estudo estão diretamente relacionadas aos aspectos amostrais e de abordagem. Ressalta-se que pesquisas relativas a finanças pessoais, como o bem-estar financeiro, por exemplo, com questionamentos sobre renda, comportamento financeiro e conhecimento financeiro, podem causar desconforto/constrangimento aos respondentes, restringindo o quantitativo de indivíduos dispostos a participarem da pesquisa. Para trabalhos futuros, sugere-se a reaplicação da pesquisa em diferentes amostras e inclusão de variáveis ambientais e culturais.

REFERÊNCIAS

- Arber, S., Fenn, K., & Meadows, R. (2014). Subjective financial well-being, income and health inequalities in mid and later life in Britain. *Social Science & Medicine*, 100, 12-20.
- Chan, S. F., Chau, A. W. L., & Chan, K. Y. K. (2012). Financial knowledge and aptitudes: impacts on college students' financial well-being. *College Student Journal*, 46(1), 114.
- Chuan, C. S., Kai, S. B., & Kok, N. K. (2011). Resource transfers and financial satisfaction: A preliminary correlation analysis. *Journal of Global Business and Economics*, 3(1), 146-156.
- Corrar, L. J., Paulo, E., & Dias Filho, J. M. (2009). Análise multivariada: para os cursos de administração, ciências contábeis e economia. *São Paulo: Atlas*.
- Delafrooz, N., & Paim, L. H. (2011). Determinants of financial wellness among Malaysia workers. *African Journal of Business Management*, 5(24), 10092-10100.
- Diniz, A. P. C. (2013). *Bem-Estar Financeiro: uma análise multifatorial do comportamento maranhense* (dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.
- Diniz, A. P. C., Vieira, K. M., Potrich, A. C. G., & Campara, J. P. (2014). Influência das variáveis socioeconômicas e demográficas no bem-estar financeiro: um estudo do comportamento maranhense. *Revista Uniabeu*, 7(17), 218-234.

Field, A. (2009). *Descobrimdo a estatística usando o SPSS*. Porto Alegre: Artmed.

Flores, S. (2012). *Modelagem de equações estruturais aplicada à propensão ao endividamento: uma análise de fatores comportamentais* (dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil.

García, N.; Grifoni, A.; López, J. C.; Mejía, D. Financial Education in Latin America and the Caribbean: Rationale, Overview and Way Forward. (2013). In *Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions*, N. 33, OECD Publishing. Retrieved from http://www.oecd-ilibrary.org/finance-and-investment/financial-education-in-latin-america-and-the-caribbean_5k41zq7hp6d0-en

Gujarati, D. N.; Porter, D. C. (2011). *Econometria básica*. Porto Alegre: Bookman.

Gutter, M., & Copur, Z. (2011). Financial behaviors and financial well-being of college students: Evidence from a national survey. *Journal of Family and Economic Issues*, 32(4), 699-714.

Hair, J. R., Joseph F.; Black, W. C.; Babin, B. J. ; Anderson, R. E.; Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman.

Hayhoe, C. R., & Wilhelm, M. S. (1998). Modeling perceived economic well-being in a family setting: A gender perspective. *Financial Counseling and Planning*, 9(1), 21-34.

Joo, S. (2008). Personal financial wellness. In *Handbook of consumer finance research* (pp. 21-33). Springer New York.

Kim, J., Garman, E. T., & Sorhaindo, B. (2003). Relationships among credit-counseling clients' financial wellbeing, financial behaviors, financial stressor events, and health. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 14(2), 75-87.

Kunkel, F. I. R. (2014) *Causas e consequências da dívida no cartão de crédito: uma análise multifatorial* (dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil.

Leach, L. J., Hayhoe, C. R., & Turner, P. R. (1999). Factors affecting perceived economic well-being of college students: A gender perspective. *Financial Counseling and Planning*, 10(2), 11-23.

Lown, J. M., & Ju, I. S. (1992). A model of credit use and financial satisfaction. *Financial Counseling and Planning*, 3(1), 105-124.

Lyons, A. C., & Yilmazer, T. (2005). Health and financial strain: Evidence from the survey of consumer finances. *Southern Economic Journal*, 71(4), 873-890.

Malhotra, N. K. (2006). *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. 4ª ed. Porto Alegre: Bookman.

Malhotra, N. K. (2011). *Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada*. Porto Alegre: Bookman.

Malone, K., Stewart, S. D., Wilson, J., & Korsching, P. F. (2010). Perceptions of financial well-being among American women in diverse families. *Journal of Family and Economic Issues*, 31(1), 63-81.

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS); Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação (SAGI). (2014). Pesquisa sobre os conhecimentos, atitude e práticas das famílias inscritas no cadastro único para programas sociais. *Cadernos de Estudo*, 16. Brasília: Indago.

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), Secretaria Nacional de Renda de Cidadania (SENARC). (2014). *Manual de Gestão do Programa Bolsa Família*. Brasília: Governo Federal.

Norvilitis, J. M., Merwin, M. M., Osberg, T. M., Roehling, P. V., Young, P., & Kamas, M. M. (2006). Personality factors, money attitudes, financial knowledge, and credit-card debt in college students. *Journal of Applied Social Psychology*, 36(6), 1395-1413.

Norvilitis, J. M., Szablicki, P. B., & Wilson, S. D. (2003). Factors Influencing Levels of Credit-Card Debt in College Students. *Journal of Applied Social Psychology*, 33(5), 935-947.

O'Neill, B., Sorhaindo, B., Xiao, J. J., & Garman, E. T. (2005). Financially distressed consumers: Their financial practices, financial well-being, and health. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 16(1), 71-85.

Organization for Economic Co-operation and Development (OECD). (2013). Financial literacy and inclusion: Results of OECD/INFE survey across countries and by gender. *OECD Publishing*. Retrieved from http://www.oecd.org/daf/fin/financialeducation/TrustFund2013_OECD_INFE_Fin_Lit_and_Incl_SurveyResults_by_Country_and_Gender.pdf

Penn, D. (2009). Financial well-being in an urban area: an application of multiple imputation. *Applied Economics*, 41(23), 2955-2964.

Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS*. Lisboa: Silabo.

Plagnol, A. C. (2011). Financial satisfaction over the life course: The influence of assets and liabilities. *Journal of Economic Psychology*, 32(1), 45-64.

Porter, N. M., & Garman, E. T. (1993). Testing a conceptual model of financial well-being. *Financial Counseling and Planning*, 4, 135-164.

Schmeiser, M. D., & Hogarth, J. M. (2013). Good advice, good outcomes? How financial advice-seeking relates to self-perceived financial well-being. *How Financial Advice-Seeking Relates to Self-Perceived Financial Well-Being* (May 7, 2013).

Schmeiser, M. D., & Seligman, J. S. (2013). Using the Right Yardstick: Assessing Financial Literacy Measures by Way of Financial Well-Being. *Journal of Consumer Affairs*, 47(2), 243-262.

Shim, S., Xiao, J. J., Barber, B. L., & Lyons, A. C. (2009). Pathways to life success: A conceptual model of financial well-being for young adults. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 30(6), 708-723.

Shockey, S. S. (2002). *Low-wealth Adults' Financial Literacy, Money Management Behaviors, and Associated Factors, Including Critical Thinking* (Doctoral dissertation). Ohio State University.

Sumarwan, U.A *Managerial System Approach To Factors Influencing Satisfaction With Households' Financial Status* (Doctoral dissertation). Iowa State University, Ames, Iowa.

Vlaev, I., & Elliott, A. (2014). Financial Well-Being Components. *Social Indicators Research*, 118(3), 1103-1123.

Xiao, J. J., Sorhaindo, B., & Garman, E. T. (2006). Financial behaviours of consumers in credit counselling. *International Journal of Consumer Studies*, 30(2), 108-121.